

Pela sua parte, os francezes não teem nunca descurado o estudo do arabe e do berbere, e bem assim o dos idiomas da Indo-China. Os proprios italianos dotaram recentemente a sua patria com tratados resumidos dos varios idiomas praticados na Colonia Erythreia, taes como o arabe e o oromónico, publicando vocabularios e grammaticas delles.

Os espanhoes e os portuguezes, desde que se relacionaram com povos estranhos, já principalmente africanos, já asiaticos ou americanos, cuidaram de lhes estudar os differentes dialectos; e é notorio quanto trabalho util foi dado á estampa, ou existe manuscrito, sobre innumeras linguas, devido principalmente ao continuado labor dos religiosos, nomeadamente dos padres da Companhia de Jesus, durante os séculos XVII e XVIII, em obras relativas a linguas asiaticas e americanas.

Modernamente, tanto em Portugal, como em Espanha, interrompeu-se aquella meritoria tradição; e quando digo modernamente, entendo referir-me á quasi totalidade do seculo precedente. Com effeito, descontando algumas obras de valia indiscutivel, como as do padre Gonçalves sobre o chinês, as grammaticas de alguns idiomas cafriaes, um vocabulario quimbundo-português, a substituir o já antiquado de Cannecatim, um dictionario português-tetense, recente, os trabalhos do conegò Barros e de outros, mais para serem lidos que estudados, os primorosos dictionarios concani-português e português-concani de Monsenhor Rodolpho Dalgado, e um ou outro estudo parcial, com muito pouco teem os portuguezes concorrido para o indispensavel conhecimento dos idiomas dos povos sujeitos ao nosso dominio.

Um ramo desses idiomas que tem sido, e sempre foi, descurado pelos nossos, é a grande familia de linguas maláio-polynesias, a respeito da qual a principal literatura didactica é de origem hollandesa, actualmente.

Em possessão nossa, Timor, falam-se varios dialectos pertencentes a essa familia, e entre elles é, ao que parece, o mais geral o *teto*, ou *tétum* como lhe chama o padre Sebastião, Apparicio da Silva no seu *Diccionario português-tétum*.

Publica o Sr. Raphael das Dorez agora o *Diccionario teto-português*, complemento daquelle, acompanhado de algumas

notas grammaticaes, se bem que succintas, sufficientes para a comprehensão da estrutura phonetica e morphologica do *tétum*, simplicissima como as de todas as linguas desta familia.

Emprega o autor transcrição portuguesa para a escrita dèste dialecto analphabetico, e faz bem; assim houvessem sempre feito os que expõem em portuguéz doutrinas relativas a possessões nossas.

O dialecto apresenta palpaveis semelhanças com o malaio costeiro, ao qual o autor por vezes o compara, semelhanças que se patenteiam não só nos processos morphologicos, mas tambem nos syntacticos, e no vocabulario, tanto commum e herdado, como principalmente naquelle que por transmissão directa passou do malaio ao *tétum*, conservando quasi intactas as suas feições originaes.

Todos os trabalhos desta natureza são bem vindos, attenta a penuria extrema em que estamos de obras similares; é portanto digno de applauso o Sr. Raphael das Dorez, por se ter abalançado animosamente a esta proficua e ardua tarefa, e é de esperar que o seu dictionario obtenha acceitação publica.

*A. R. Gonçalves Wianna.*

## ERRATAS

| Pag. | Lin. | Erros                                                                | Emendas      |
|------|------|----------------------------------------------------------------------|--------------|
| 7    | 3    | Bença                                                                | Bensa        |
| 18   | 29   | Idu                                                                  | Ida          |
| 19   | 14   | Han                                                                  | Hau          |
| 21   | 12   | Aço                                                                  | Asso         |
| "    | 21   | Meta                                                                 | Metan        |
| 82   | 29   | Akeculo                                                              | Akeé ulo     |
| 85   | 24   | Tio, irmão                                                           | Tios, irmãos |
| 90   | 24   | Porquanto                                                            | Por quanto   |
| 93   | 18   | Bé-mosso                                                             | Bé mosso     |
| 94   | 43   | Encorporado                                                          | Encorpado    |
| 96   | 2    | Botelha                                                              | Botija       |
| 124  | 49   | "                                                                    | pron.        |
| 167  | 10   | Falta a designação de verbo.                                         |              |
| 173  |      | Na segunda columna estão algumas palavras fora da ordem alphabetica. |              |
| 177  | 8    | Ó                                                                    | Oh!          |
| 178  | 8    | a.                                                                   | pron.        |
| 181  | 23   | Rai-labi                                                             | Rai-labis    |
| 192  | 13   | Cerra                                                                | Cerrar       |

## DICCIONARIO DE TETO

### PRELIMINARES

A illa de Timor, a ultima da sequencia de ilhas que limita o estreito de Malaca, pertence ao archipelago da Sonda, e nella existe uma colonia portuguesa que resta do imperio que os nossos heroes do fim do seculo xv e principio do xvi descobriram. Ahi se falam varias linguagens, a que os portugueses que por lá teem passado deram o nome de dialectos, e das quaes a maior parte tem um campo de expansão muito restricto.

A mais geral, falada ou entendida em quasi toda a ilha, e que me parece talhada para vir a ser a lingua unica do pais, alem da portuguesa, se os dirigentes a isso se propuserem, é a denominada *teto*, não só por mais conhecida, mas principalmente por conter muitissimas palavras das que entram em cada uma das outras.

E, pois, d'essa linguagem ou dialecto que vou tratar, começando por chamar-lhe lingua, resolução que submetto á conspicua apreciação dos mestres em philologia.

Reduzir á escripta uma lingua ou dialecto que tem apenas existencia oral, é trabalho de grande folego, para que não me julgo completamente habilitado. Não obstante este convencimento, proponho-me a coardonar todos os apontamentos que tomei em Timor, a respeito da lingua que ali se fala, denominada *teto*.

Confio na benevolencia dos competentes que apreciarem o meu trabalho, pois estou certo de que presto um pequeno serviço ao meu pais, contribuindo para preencher, ainda que deficientemente, a lacuna que encontrei, visto que, possuindo Portugal, vae em quatro seculos, aquella colonia, mui poucos entre nós se teem dedicado ao estudo da lingua que ali se fala mais geralmente.

Chegado a Dilly pela primeira vez em 5 de agosto de 1871, e tendo aprendido praticamente um pouco da lingua malaia nos tres meses da minha viagem pelas ilhas da Oceania, sem encontrar uma unica

pessoa que falasse português, e parecendo-me que havia qualquer semelhança entre essa lingua e a que falavam os indigenas de Timor, entendi que devia aprender a fala do país em que tinha de viver algum tempo, e por isso comecei a tomar notas de tudo o que os naturaes diziam, sendo-me então graciosamente offerecidos bastantes apontamentos pelo Rev.<sup>to</sup> Padre Mesquita, superior da missão catholica, indio muito intelligente e instruido, que posteriormente foi perseguido, para dar logar ao estabelecimento da missão dos europeus ordenados em Sernache de Bom Jardim, sem daviada mais instruidos que os missionarios de Goa.

Residi por essa occasião em Timor até dezembro de 1873, percorrendo grande parte da ilha, tomando sempre notas e recebendo apontamentos dos meus camaradas José dos Santos Vaquinhas e Fernando Antonio, posteriormente fallecidos, de modo que, quando me retirei, no fim de dezembro, possuia grandes maços de apontamentos sobre a linguagem dos indigenas e seus usos e costumes, o que porem não julguei ainda sufficiente para publicar um livro sobre o assunto.

Voltei a Timor mais tres vezes: em 30 de agosto de 1878, em 6 de março de 1886, e em 8 de outubro de 1891; e continuando sempre a tomar notas sobre a maneira de falar nos differentes reinos que percorri, nomeadamente nos da chamada contra-costa ou costa do Sul, observei que os poucos discipulos da missão que se encontram no interior teem introduzido no *teto* muitas palavras portuguezas a mais que as existentes nas notas que tomei até 29 de dezembro de 1873, data da minha partida para Macau, em seguida á primeira peregrinação que fiz em Timor.

Estava eu resolvido em 1889 a coordenar todos os meus apontamentos e publicar um livro sobre a lingua dos indigenas, quando me chegou a noticia da publicação de um *Diccionario português-tétum*, pelo Rev.<sup>to</sup> Padre Sebastião Maria Aparicio da Silva, missionario muito digno, em consequencia do que sustei o meu trabalho, por julgar que já não mereciam a luz da publicidade as minhas notas, por isso que estava preenchida a lacuna que eu notara.

Vendo depois o livro de que me tinham falado, o qual é sem duvida o primeiro passo para que o *teto* fique reduzido ao sinal graphico, comprehendi que ainda era admissivel a publicação das minhas notas, por isso que foram ellas tomadas sempre no intuito de fazer um vocabulario ou diccionario de *teto* para português, o que me pareceu mais proprio para poder deduzir quaesquer regras.

Apesar d'isso, porem, tal publicação nunca se faria a não serem as instancias de varios amigos meus, conhecedores do meu humilde trabalho, principalmente o digno capitão-tenente da armada real, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Francisco da Silva, lente da Escola Naval, que me entusiasmou a trabalhar para o Congresso Colonial, e ulteriormente o meu amigo o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Leite de Vasconcellos, a quem o dedico, o qual em carta extremamente anavel me incitou a dá-lo á estampa o mais breve possivel.

Para que se possa comprehender bem a orientação que dei ao meu estudo, e as razões em que fundamento as regras que deduzo, passo a apresentar os esclarecimentos que me parecem indispensaveis.

As palavras ouvidas por mim aos indigenas foram escritas em caracteres romanos do modo mais simples, e quanto possivel e vantajoso, empregando a orthographia sonica, para depois poder deduzir quaesquer regras, sendo todas essas palavras acompanhadas da respectiva traducção em português.

Ao mesmo tempo fui classificando taes palavras nas partes de oração que, pelo sentido, me eram indicadas; isto é, em verbos, substantivos, adjectivos, etc.

Não tendo percebido, na fala dos indigenas, palavra, ou som algum, que precisasse ser representado pelos caracteres G. ou J, e bem ao contrario, reconhecendo que elles, em geral, teem difficuldade em pronunciar esses sons, entendi que não devia introduzir estes caracteres no respectivo alphabeto, visto que apenas são usados nas palavras estranhas introduzidas na linguagem.

Como também nunca houvesse sequer percebido som absolutamente nitido que fosse necessario gravar com a letra F, igualmente a não representei.

O som correspondente á letra V nunca o encontrei na conversação dos indigenas, a não ser algumas vezes na palavra *bé agna*, que ouvi pronunciada quasi como *vé*, e que em varios pontos os indigenas pronunciam muito nitidamente *uc*. Devo porem dizer que a letra V é empregada nos nomes proprios de reinos, povoações, montanhas, rios, etc., e que alguns indigenas pronunciam esses nomes como os europeus; mas que elles na generalidade teem difficuldade em pronunciar tal som, prova-se com a introdução da palavra portugueza *vaca*, que por toda a parte se pronuncia *vaca*.

O W tem sido empregado nos nomes proprios de rios e montanhas, pronunciado com o som de U á inglesa, não sei com que fundamento, podendo apenas suppor que isto começasse por algum anglo-maniaco, ou então que provenha da modificação que apontei de *bé* em *ué*, como succede com a denominação da ribeira Bémôr, a que os indigenas, conforme os locaes por onde passa, chamam *Uémôr* ou *Uáimôr*, palavras que os europeus escrevem com W, o que comtudo não influe na linguagem falada pelos indigenas, na qual não se manifesta a necessidade do emprego de tal caracter; por isso o suprimo.

As letras X, Y, Z não me parecem necessarias para escrever as palavras de *teto* que ouvi usar aos indigenas.

Nunca ouvi, nem me consta que exista na fala dos timores, som algum guttural, como asseverou o Sr. Affonso de Castro no seu livro